



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A QUESTÃO DO POLICENTRISMO URBANO: A CIDADE COMO
ESPAÇO DE DISPUTAS EM LONDRINA-PR**

Daniela Reis de Moraes*

A arquitetura urbana, mais que apenas um elemento concreto, se mostra como espaço de disputas. Nela pode-se perceber como as relações de sociabilidades se dão a partir das organizações do meio urbano. Os elementos que compõem o espaço urbano são dignos de interpretações sob o olhar histórico, pois pertencem a um conjunto de subsídios elaborados pelas vivências humanas. Portanto, compreendemos que lançar o olhar sobre a cidade a partir do prisma da história, nos faz compreender que não se trata de um objeto livre de intenções, mas, sobretudo, carregado de representações. Nossa opção de análise liga-se à visão metodológica de que a cidade é um constructo e a partir desse olhar será analisada uma concepção da geografia urbana que aponta a cidade de Londrina-PR, como policêntrica, ou seja, detentora de três centralidades. Desse modo, além de nos inteirarmos a tal consideração, procuraremos entender como essa concepção afeta quem habita em tais “centros”, bem como o poder público se apropria desse discurso e efetiva de forma positiva tal narrativa para a cidade em geral. Entendemos que as reflexões em torno da questão da representação será um importante aporte para o entendimento de como o espaço urbano se mostra indo além de um elemento concreto, mas vivo que corrobora as dinâmicas das relações sociais e históricas.

* Mestranda em História pela Faculdade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus/Assis-SP. Bolsista Capes/DS.

A cidade se faz objeto, concentra pessoas, traças perfis e se modela de acordo com suas sociabilidades. Nela encontramos diversos caracteres de indivíduos e esses, por sua vez, se apropriam do espaço urbanizado e se desenvolvem junta a ele. Refletir sobre a cidade é uma tarefa plural, arquitetos, antropólogos, historiadores, geógrafos, fotógrafos, tantos outros que intelectualizam seus saberes com base nesse tema. A cidade já foi palco da investigação humana, o “*Zoon Politikon*”, sob essa condição de “animal político” Aristóteles¹ defendia que o fim do homem era a cidade, o ambiente máximo do ser humano, sua condição natural. Desse modo pensamos a cidade como um ambiente do homem social e nela se reflete a condição vital do ser.

Raquel Rolnik aborda a cidade como uma centralização dos homens, a cidade reúne, atrai e nela se catalisam relações que pertencem a sua própria natureza. A cidade é um fenômeno antigo e arraigado no ser e sob essa condição acaba por magnetizar para si essas relações humanas, para Rolnik:

[...] a cidade é antes de mais nada um ímã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia. Assim foram os primeiros embriões de cidade de que temos notícia, os zigurates, tempos que apareceram nas planícies da Mesopotâmia em torno do terceiro milênio antes da era cristã.²

José D’Assunção de Barros³ reconhece que desde o século XVI, no Renascimento, junto ao Iluminismo, houve expressivas reflexões acerca da vida na cidade, mas que no século XIX, junto à emergência da industrialização, eclodem estudos acerca do termo urbanização. Aliás, o autor destaca que “*o próprio termo ‘urbanização’ aparece em uma de suas primeiras formulações em 1860, proposto pelo arquiteto espanhol Ildefonso Cerda*”, bem como a inserção desse conceito como disciplina independente na obra *Stadt-Rewerterugem in Technischer* de Reinhard Baumister em 1876 e mais tarde fora utilizada pelo geógrafo Pierre Clerget em 1910. Isso nos auxilia a compreender que o termo urbanização ainda se mostra recente, porém intensamente visitado pelos que se interessam a investigar o fenômeno urbanização. D’Assunção ainda

¹ ARISTÓTELES. **Política**. Trad. De Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Veja, 1998.

² ROLNIK, Raquel. **O que é cidade** - São Paulo: Brasiliense, Coleção primeiros passos, 1995. p. 13.

³ BARROS, José D’Assunção de. **Cidade e História**. 2ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p.11.

ênfatisa que o conceito urbano, em seu princípio de análise, esteve demasiadamente ligado às questões econômicas e políticas, segue o autor:

Aparecem notadamente as preocupações com a função econômica, com o modo de vida do cidadão, com a forma urbana e sua organização social, com a representação e com o imaginário da cidade, com as relações entre o público e o privado. A cidade já não será vista exclusivamente a partir do modelo político-industrial.⁴

Sob essa percepção D'Assunção indica que a cidade deve ser enxergada por outros prismas, por novas perspectivas além do político-econômico. Seguindo essa linha de raciocínio, nos ligamos à percepção da cidade como campo de representação social, suas estruturas revelam como os sujeitos de organizam e transformam suas relações, imprimem do urbano as constantes inquietações e ao estudar a cidade podemos entender como esta se torna objeto de apropriação histórica e de representação. Nesse sentido, podemos trazer à luz a visão da história cultural que nos permite alcançar outras abordagens de objetos, antes voltados a caracteres enquadrados pela economia ou política. Desse modo, propomos colocar em questão a cidade e sua arquitetura como elementos da representação humana. Henry – Pierre Jeudy discute a relação entre cidade e representação, aborda como a cidade se torna um signo passível de percepções e de construção de interpretações, segue o autor:

A cidade permite uma aventura da imaginação como essa somente, na medida em que o que dela se exponha demonstre imediatamente ter capacidade de absorver o novo. Com as operações de urbanismo realizadas, os projetos de arquitetura concretizados se transformam, após um tempo relativamente curto, em expressões de uma urbanidade integrada. Esse poder de assimilação, todas as cidades detêm, sendo ele seu próprio enigma.⁵

Assim, para Jeudy a cidade é composta de signos, estes por sua vez exprimem sentidos ao urbano. Podemos considerar que os elementos concretos, tais como as construções urbanas, os desenhos que configuram os planejamentos da urbe são signos que carregam as configurações dos habitantes que nela se relacionam constantemente. Sob esse enfoque, propomos abordar o modo com que a cidade é percebida, a estética urbana, a qual fragmenta os espaços e estabelece sentidos a eles. Portanto, colocamos em

⁴ Ibid., p. 17.

⁵ JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho da cidade**. Tradução Rejane Janowitz. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. p.81.

xeque questões além do concreto urbano, além dos planejamentos urbanos, tais como definições acerca da centralidade. Enxergamos essas configurações como expressões de organizações humanas e sociais, sendo assim definidoras do espaço. Seguindo a linha proposta por Jeudy, a cidade seria um espelho das suas sociabilidades, como aponta o autor:

A relação estética que nós matemos com o mundo, ou que o próprio mundo provoca, essa relação movimentada, sempre incerta, tem como origem a experiência cotidiana da cidade. E nosso corpo, ora joga com uma certa distância dessa pluralidade de pontos de vista. Pois é exatamente ele – o nosso corpo – que não para de construir anamorfoses na cidade, ao se dispor e suportar alguma perturbação em seus hábitos de representação.⁶

Sob tal perspectiva tratemos a logística espacial urbana como signos de representação humana e de como essas organizações estabelecem relações de disputas na cidade, ora imprimindo sentidos de valorização do espaço, ora imprimindo sentidos estigmatizados. Desse modo, para discutirmos a questão dos arranjos espaciais, foco de nossa proposta, sob o aspecto das centralidades, colocaremos em relevo algumas considerações acerca da construção das centralidades. William Ribeiro da Silva, sob a ótica da geografia expõe a concepção de centro, para o autor a cidade é um emaranhado de arranjos, assim, o centro, é determinado pelas ofertas e acessibilidades de serviços prestados à população, não se trata veementemente de um padrão geofísico, para Silva o que determina o centro dialoga muito mais com as necessidades e buscas dos indivíduos que se apropriam da cidade. Assim como Silva, nos fundamentamos na teoria de centralidade de Maria Encarnação Beltrão Sposito que insere a seguinte citação:

O centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo o ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades e é o ponto de onde todos se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela.⁷

Em diálogo com o trecho acima, entendemos que as definições espaciais estão ligadas às sociabilidades de quem as usufruem, embora haja interesses individuais ou de

⁶ Ibid., p.82.

⁷ SPOSITO. Maria Encarnação B. Centro e as formas de expressão da centralidade urbana. *Revista de geografia*. Universidade Estadual Paulista/UNESP. São Paulo, 1991 v.10. p. 6.

grupos seletos que possam determinar as espacialidades urbanas. Sposito ainda acentua que a morfologia urbana, ou seja, as formas da cidade são conduzidas por meio dos agentes transformadores, quer dizer, a sociedade em si, que ao se transformar deposita suas mudanças no espaço urbano, ao mesmo tempo em que a as próprias regras sociais estabelecidas acabar por modelar o espaço, seria então uma relação dinâmica e dicotômica. Compactuamos com Sposito a relação homem e espaço, o que nos permite refletir acerca das questões das centralidades da urbe.

O conceito de morfologia urbana não se referiria a uma dada forma urbana (extensão e volume), tal como ela se apresenta configurada espacialmente, mas ao processo de sua gênese e desenvolvimento, segundo os quais podemos explicar essa morfologia e não apenas descrevê-la ou representá-la gráfica ou cartograficamente. Aceitando-se essa perspectiva, a morfologia urbana refere-se não somente à forma, mas também aos conteúdos que orientam essa forma e são por elas redefinidos continuamente. É, por essa razão, que o estudo da morfologia vem, com frequência, associado ou identificado com o estudo da paisagem ou da fisionomia, concepções que contemplam o que é formal, mas também os conteúdos e dinâmicas que designam ou determinam essa forma e são por ela determinados.⁸

Sposito aponta nesse trecho a questão da cidade além de sua postulação, a cidade é mais do que a sua forma concreta apresenta, nela a morfologia não subjaz em uma estática urbana, a cidade pulsa e as socializações de quem a habita desenha sua forma. Desse modo, endossamos a posição da autora ao defender que a morfologia se dá pelas dinâmicas sociais.

Assim, por meio dessa linha de raciocínio pensamos na cidade de Londrina enquanto objeto de reflexão acerca das centralidades e descentralidades do urbano. Em estudos apontados pelo geógrafo Willian Ribeiro da Silva, acerca dessa questão, o autor coloca em discussão a composição da morfologia urbana de Londrina e Maringá. Nessa análise Silva categoriza a primeira cidade sendo policêntrica, ou seja, que possui dois ou mais centros e a segunda como monocêntrica, que possui apenas um. Desse modo, em relação à Londrina, Silva observa:

[...] verifica-se a realização de obras e investimentos de reestruturação urbana, sobretudo, em áreas localizadas fora do Centro Principal, sendo esta uma tendência que se verifica, desde os anos de 1970, com a escolha da localização do campus da Universidade Estadual de

⁸ SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 510f. Tese (Livre Docência). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. p. 66.

Londrina; da área de implantação dos conjuntos habitacionais da Zona Norte e, recentemente, com os projetos de reestruturação no setor sudoeste da cidade, dando continuidade às obras no fim dos anos de 1980, com a construção de vias para integração da área onde foi edificado o Catuaí Shopping Center, como a construção da Avenida Ayrtton Senna, a sobreposição da Avenida Maringá pelo Lago Igapó, para, também, servir de acesso ao referido *shopping center*.⁹

Em contraposição, Silva apresenta a morfologia de Maringá apresenta os grandes investimentos urbanos reunidos no perímetro do Centro Principal, recebendo diversos e intensos injetores financeiros que acabaram por enobrecer a região. Nesse sentido, Silva aponta o fenômeno de gentrificação do espaço central de Maringá, ou seja, a ação de enobrecimento da região em decorrência a investimento na infraestrutura que reflete na valorização da região. Entretanto, Silva deixa claro que em suas análises: [...] ressalta-se que, nas duas cidades, não se detectam os processos de “degradação” ou “empobrecimento” de seus centros principais, sendo que, em ambos os casos, continuam frequentando e residindo nessas áreas, camadas de poder aquisitivo de médio a elevado”.¹⁰

Partimos dessas questões levantadas por Silva, para pensarmos como as centralizações e as descentralizações do espaço urbano podem se desenrolar para outras reflexões, como a própria noção de representação do espaço. Lewis Mumford em sua obra *A cidade através da história* apresenta como a cidade é passiva de diversas leituras e interpretações, dando origem à inúmeras imagens da mesma cidade. O autor ainda aponta que a cada época os sujeitos criaram uma forma de perceber a cidade de modos diferentes. Desse modo, se entendemos que as apreensões acerca das cidades passam pela conjectura de cada período. Com suas particularidade estruturais e conjunturais, nossas leituras contemporâneas também estão sujeitas às nossas próprias interpretações inseridas no tempo.

Tomar a cidade como um axioma social subjaz diversas interpretações, tais como voltar o olhar para as implicações que cada morfologia cidadina pode implicar na maneira com que os sujeitos vivenciam a cidade. Nesse sentido, Henry-Pierre Jeudy, mais uma

⁹ SILVA, Willian Ribeiro. **A redefinição da centralidade em cidades médias. Londrina e Maringá no contexto da reestruturação urbana e regional.** Diez años de cambios en El Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/37.htm>> Acesso em 22 jun. 2010. s/p.

¹⁰ SILVA, 2008. s/p.

vez traz à luz a concepção da morfologia como um processo de construção de um território e de como tais acabam por refletir mais do que uma concepção arquitetônica de projeções exatas, refletem a relação e às fruições de quem nela vivencia, segundo o autor:

[...] Numerosas cidades já foram, pois, repensadas; seus espaços foram retrabalhados ou continuaram sendo. Como a realização de um projeto urbano provoca outros, a dinâmica de reconfiguração do espaço parece não poder ser interrompida. A cidade, no ritmo de suas metamorfoses, é vista como uma obra em plena realização mostra-se trabalhando para forjar sua própria unidade, de uma maneira sempre projetiva [...].¹¹

A cidade se mostra assim, um espaço que vai além dos interesses da vida urbana, subjaz nesse meio, relações de poder, de imposições, seus desenhos, suas curvas e sobreposições nos dão possibilidades de perceber como as relações desses interesses dos sujeitos que vivenciam a cidade se posicionam. Para Chartier o modo com que essas relações sociais se apresentam, são resultados de disputas e/ou conflitos de poderes, esses por sua vez são negociados, “[...] é do critério concedido (ou recusado) à imagem que uma comunidade produz de si mesma, portanto de seu “ser percebido”, que depende a afirmação (ou a negação) de seu ser social. [...]”.¹²

Desse modo, nossa proposta nessa discussão foi de direcionar o olhar para essas novas interpretações do espaço urbano, muito questionados pela geografia, mas que possibilita outras leituras. Se as cidades mostram morfologias diferentes, essas implicam muito mais do que somente posições de organização urbana. O modo com que a cidade se desenha, inscreve e se reescreve são modo de representações de colocações de interesses de uns em detrimento de outros. A história, nesse caso, se incumbe como aquela que pensa a geografia urbana além de sua morfologia espacial. Por meio do olhar da história cultural, em específico, sob o foco no urbano, dialogamos com outras ciências com o intuito de percebermos as matizes que o espaço urbano exprime por meio de suas relações.

Nesse sentido, nos fundamentamos em Pierre Bourdieu para pensarmos a cidade como um campo de relações de poderes, pois nessa concepção de centralidades e descentralidades, que hoje surgem na preocupação dos estudos geográficos, podemos direcionar luz às questões com que a morfologia urbana exerce caráter determinante de

¹¹ JEUDY, 2005. p. 99.

¹² CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p.10-11.

poder. A própria questão das centralidades, sejam elas construídas e/ou desconstruídas são maneiras constantes de imposições. Nesse aspecto, entendemos, o meio urbano e suas morfologias como campo de relações hierarquizantes de poder. Para Bourdieu, “[...] *O campo da produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes: é ao servirem seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nessa medida), que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo da produção*”.¹³ Contudo, pensar as morfologias das cidades é colocar em relevo as disputas que estão inseridas, mesmo, que arraigadas, a ponto de serem “imperceptíveis”, é onde estão ali exercendo seu papel de poder. Pensar-se-á o urbano, por meio e para além de suas materialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Política**. Trad. De Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Veja, 1998.

BARROS, José D’Assunção de. **Cidade e História**. 2ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 12.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho da cidade**. Tradução Rejane Janowitz. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade** - São Paulo: Brasiliense, Coleção primeiros passos, 1995.

SILVA, Willian Ribeiro. **A redefinição da centralidade em cidades médias. Londrina e Maringá no contexto da reestruturação urbana e regional**. Diez años de cambios en El Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/37.htm>> Acesso em 22 jun. 2010. s/p.

SPOSITO. Maria Encarnação B. Centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista de geografia**. Universidade Estadual Paulista/UNESP. São Paulo, 1991 v.10.

¹³ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 12.

_____. O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 510f. Tese (Livre Docência). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

